

O LUTO COMO INTERVENIENTE NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE UMA PESSOA CEGA

MOURNING AS AN INTERVENIENT IN THE PROCESS OF INCLUSION OF A BLIND

LE DEUIL EN TANT QU'ACTEUR DANS LE PROCESSUS D'INCLUSION D'UNE PERSONNE AVEUGLE

LEONOR PANIAGO ROCHA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – UFG
JATAÍ, GOIÁS, BRASIL
LEONORPANIAGO.UFG@HOTMAIL.COM
HTTP://ORCID.ORG/0000-0003-1076-703X

MARLENE BARBOSA DE FREITAS REIS
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS – UEG
ANÁPOLIS, GOIÁS, BRASIL
MARLENEBFREIS@HOTMAIL.COM
HTTP://ORCID.ORG/0000-0002-2213-7281

RESUMO: Esse texto, tem por objetivo discutir o luto como interveniente no processo de inclusão das pessoas cegas. Por ser a perda da visão um assunto que deve ser discutido no meio acadêmico, principalmente nos cursos de formação de professores para a educação especial e/ou inclusiva, é também objetivo deste texto contribuir cientificamente com a compreensão desse tema, apresentando referências bibliográficas acerca deste e aprimorar os conhecimentos dos profissionais, principalmente da educação, visto que os alunos com deficiência que se encontram na escola, podem ainda estarem enlutados. É fruto de estudo realizado por meio de uma pesquisa narrativa, ainda em andamento, realizada a partir do estágio pós-doutoral da primeira autora, realizado no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Linguagens e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás. Assim, os dados referentes ao luto, emergiram do relato da história de um sujeito que perdeu a visão do último olho com acuidade visual aos dezessete anos. Portanto, procuramos compreender a experiência desse sujeito. O que nos interessou foram os seus sentimentos, sua história, sua vivência com a perda e as condições em que se encontrou a partir da perda da visão. Para alcançar o referido objetivo nos amparamos em teóricos como Amaral (1995); Barczinski (2001); Clandinin e Connelly (2015); Melo (2019); Oliveira (2017) dentre outros. Concluímos, afirmando que os que desejam atuar na inclusão das pessoas com deficiência, precisam ser capazes de diagnosticar, se estas ainda se encontram enlutadas e compreenderem as inúmeras perdas que a cegueira impõe.

PALAVRAS-CHAVE: Pessoa Cega. Inclusão. Intervenientes. Luto.

ABSTRACT: This paper aims to discuss about mourning as an intervenient in the process of including blind people. Loss of vision is a subject which should be discussed in the academic environment, especially when it comes to talk about teacher training courses for special and/or inclusive education, it is also the objective of this text to contribute scientifically to the comprehension of this theme, showing bibliographical references about it and improving the knowledge of professionals, especially in education, since students with disabilities who are in school, may still be mourning. It is the result of a survey carried out through a narrative research, still in process, carried out from the postdoctoral stage of the first author, carried out in the Interdisciplinary Graduate Program in Languages and Technologies at the State University of Goiás. The data referring to mourning emerged from the story of a young boy who lost sight of the last eye with visual acuity at the age of seventeen. Therefore, we seek to understand the experience of this person. What interested us were his feelings, his history, his experience with the loss and the conditions in which he found himself from the loss of his vision. In order to achieve this objective, we rely on theorists such as Amaral (1995); Barczinski (2001); Clandinin and Connelly (2015); Melo (2019); Oliveira (2017) among other authors. We conclude by stating that those who wish to act in the inclusion of people with disabilities, need to be able to diagnose, if they are still mourning and understand the countless losses that blindness imposes.

KEYWORDS: Blind Person. Inclusion. Intervenient. Mourning.

ABSTRAIT: Ce texte vise à parler du deuil dans le processus d'inclusion des gens qui sont aveugles. La perte de vision doit être un sujet qui devrait être discuté dans le milieu académique, en particulier, c'est à dire, dans les cours de formation des enseignants pour l'éducation spéciale et / ou inclusive, ceci a également pour but de contribuer scientifiquement à la compréhension

de ce problème, en présentant des références bibliographiques sur ce sujet et aussi améliorer les connaissances des professionnels, en particulier dans le domaine de l'éducation, car les élèves handicapés scolarisés peuvent encore être en difficultés. Ce texte est le résultat d'une étude à travers d'une recherche narrative, encore en cours, fait par le stage postdoctoral du premier auteur, menée dans le cadre du programme interdisciplinaire de troisième cycle en langues et technologies de l'Université d'État de Goiás. Ainsi, les données se référant aux problèmes du vision qui sont nés de l'histoire d'un sujet qui a perdu de vue le dernier œil avec une acuité visuelle à l'âge de dix-sept ans. Par conséquent, nous cherchons à comprendre l'expérience de ce jeune garçon. Ce qui nous intéressait, ce sont ses sentiments, son histoire, son expérience de la perte et les conditions dans lesquelles il s'est retrouvé face à la perte de sa vision. Pour atteindre cet objectif, nous nous appuyons sur des théoriciens comme Amaral (1995); Barczinski (2001); Clandinin et Connelly (2015); Melo (2019); Oliveira (2017) entre autres. Nous concluons en déclarant que ceux qui souhaitent agir en faveur de l'inclusion des personnes handicapées doivent pouvoir diagnostiquer, s'ils sont encore perdu et comprendre les innombrables pertes qu'impose la cécité.

MOTS-CLES: Aveugle personne. Inclusion. Les parties prenantes. Deuil.

INTRODUÇÃO

Comumente tratamos o luto, como sendo aquilo que nos ocorre quando da perda de um ente querido por morte, mas diferente do que tendemos a imaginar, o luto pode ocorrer diante de qualquer situação em que se configure perda.

Deste modo, estamos intitulando como luto o que afirma Melo (2004) que diz ser a situação a que os sujeitos se encontram,

Face a qualquer perda significativa, de uma pessoa ou até de um objecto estimado, desenrola-se um processo necessário e fundamental para que o vazio deixado, com o tempo, possa voltar a ser preenchido. Esse processo é denominado de luto e consiste numa adaptação à perda, envolvendo uma série de tarefas ou fases para que tal aconteça (MELO, 2004, p. 4).

Apesar de representar um processo doloroso e inevitável, a experiência com o luto é muito mais vivenciada do que comumente imaginamos. Pode ocorrer após qualquer perda que sofremos na vida. O luto pode ser vivido nos processos de perda de bens materiais, no fim de relacionamentos afetivos, perdas de cargos e muito frequentemente nas perdas de pessoas queridas. Também são frequentes nos processos de perda de alguma capacidade e/ou nas situações de aquisição de deficiência.

Sua superação, depende da grandiosidade da perda e da forma como o enlutado lida com luto, sendo que esse, não tem como impedir a raiva e todos os outros sentimentos que o envolve.

Há estudos, mostrando que os lutos não possuem um tempo definido.

O processo de luto é vivenciado de forma particular de indivíduo para indivíduo e pode ser mais ou menos disfuncional, variando consoante a intensidade, os sentimentos, a vinculação, o contexto em que aconteceu... A sua duração tanto pode ser prolongada como breve, tanto pode ocorrer num período de tempo definido ou indefinido e a sua intensidade varia ao longo do tempo, de pessoa para pessoa e de cultura para cultura. A reação à perda depende muito dos limites impostos pela cultura e sociedade em que o sujeito se insere. O luto leva tempo e, de uma forma geral, é vivenciado consoante os significados que lhe são atribuídos (RAMOS, 2016, p. 14).

Há enlutados, que mesmo após anos, dizem não terem ideia de quando ele irá terminar. A dor se apresenta como uma ferida aberta, de difícil cicatrização, e é continuamente reaberta quando seu portador compara, o tempo antes e depois da perda.

Os sujeitos com deficiência, que perderam algum membro ou a capacidade de usá-lo por algum motivo, ficam também, por um tempo enlutado, e os sentimentos que experimentam,

enquanto aprendem a viver com a incapacidade e/ou deficiência, são de certa forma idênticos ao de qualquer outro luto.

A perda da “eficiência” experimentada pelas pessoas ao adquirirem uma deficiência, colocam em situação de luto não apenas esse sujeito, como os seus familiares, que sofrem a perda de um parente normal. Indagações como: por que comigo? O que eu fiz para merecer isso? Como vai ser a partir de agora? O sentimento de que tudo acabou é bastante recorrente, entre os que adquiriram uma deficiência e seus familiares.

De acordo com Melo (2004, p. 3), é

[...] essencial perceber o impacto que uma perda significativa tem não só no indivíduo, como também no sistema familiar e nas suas interações. Uma maior consciência e compreensão dos possíveis caminhos que cada um pode percorrer para recuperar de uma perda, permite uma maior aceitação das inúmeras diferenças que o processo de luto tem de pessoa para pessoa.

Nesse sentido, é preciso estar atento aos sentimentos que os familiares da pessoa com deficiência apresentam, logo após o momento em que ocorre o evento que a causa. O fato é que, perdas significativas, como as oriundas de morte e das condições de funcionamento do corpo, implicam sempre em luto. E este impede que a pessoa queira se relacionar com outras. Que se sinta inteira e muitas vezes que queira viver. O enlutado se exclui e aceita as exclusões. Assim, também acontece com as pessoas que se tornam cegas.

A visão é um sentido muito importante para qualquer pessoa. Perder a visão dos dois olhos, não é como perder os braços, ou pernas, ou a audição. Quem perde braços e/ou pernas ainda irá se locomover de algum modo. Ou abraçar de outros modos. O surdo irá, mesmo sem ouvir, se comunicar. Quem não enxerga, não mais verá os olhos das pessoas amadas. Nem o céu, ou a lua... Depois da perda da visão, o caminho é longo, até que se aprenda a enxergar de outros modos. Tempo, que não se compara com o aprendizado da Libras, para o surdo, a colocação de uma prótese e adaptação a esta, para quem perdeu braço ou perna. Nesse sentido, é possível afirmar que, perder a visão é sempre bastante dramático e diferente de outras perdas.

Ao discutir o luto como interveniente no processo de inclusão da pessoa cega referendamos que a inclusão/exclusão é um fenômeno complexo e com múltiplas faces. Assim, defendemos que Inclusão é uma prática social, que se desenvolve no trabalho, no lazer, na educação, na cultura e, sobretudo, na atitude e no perceber das coisas, de si e do outro. Nesse sentido, ela deve ser verificada, utilizando-se da reflexão sobre as práticas pedagógicas (RODRIGUES, 2003), a valorização da diversidade, a igualdade de oportunidades, a interação e as relações sociais (RODRIGUES, 2006).

METODOLOGIA E OBJETIVO

Esse texto, tem por objetivo discutir o luto de um sujeito¹ que perdeu a visão do último olho com acuidade visual aos dezessete anos. Optamos por coletar a narrativa com o próprio sujeito, por acreditar, assim como Breton (2020, p. 12) que “somente a pessoa que vive a experiência de um fenômeno encontra-se capaz de dizer, a partir do seu ponto de vista e com

¹ O termo ‘sujeito’ é utilizado nesse texto como forma de enfrentamento aos estigmas que são colocados nas pessoas com deficiência. Tem como função asseverar aos leitores que, apesar da situação de marginalidade que a sociedade lhes impõe, as pessoas com deficiência, mesmo as com comprometimentos severos, são seres que possuem uma história e experiências únicas, que agem sobre o mundo e é por ele modificadas. São seres únicos, singulares e em constante construção de sua história, como qualquer outro sujeito e precisam ser respeitados.

as suas próprias palavras, sobre o que ela viveu, os efeitos que ela experienciou e os impactos experienciais e biográficos sofridos”.

Por ser a perda da visão, um assunto que deve ser discutido no meio acadêmico, principalmente nos cursos de formação de professores para educação especial e/ou inclusiva, é também objetivo deste texto, contribuir cientificamente com a compreensão desse tema, apresentando aportes teóricos acerca deste; possibilitar a melhoria da qualidade de vida da pessoa com deficiência e aprimorar os conhecimentos dos profissionais, principalmente da educação, lembrando que seu aluno com deficiência pode, ainda estar enlutado.

Vale destacar, que o conteúdo deste artigo, representa apenas parte dos dados coletados em estudo realizado por meio de uma pesquisa narrativa, ainda em andamento, iniciada durante o pós-doutoramento da primeira autora, realizado no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem, Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás.

A referida pesquisa não tinha como objetivo compreender o luto, nem tínhamos como hipótese que o luto apareceria como um interveniente no processo de inclusão desse sujeito. Ele surgiu margeando a história do sujeito e foi, aos poucos, se estabelecendo como um interveniente na sua vida, exigindo de nós uma interpretação e, conseqüentemente, estudo sobre o tema.

A narrativa completa conta com trinta e seis páginas, que foram coletadas por meio de gravação e posteriormente transcrita pelas pesquisadoras. A narrativa iniciou-se com o pedido feito ao narrador para que ele discorresse sobre o que considerava mais significativo em sua história. Nenhuma interferência foi realizada durante as audições. Após transcrita, uma das pesquisadoras, leu todo o conteúdo ao narrador, que acrescentou mais alguns elementos ao texto, finalizando a coleta dos dados.

Assim, os dados referentes ao luto emergiram do relato da história desse sujeito e dado o grau de interferência que ele ofereceu no desenvolvimento das suas capacidades e de sua força devastadora, não era possível entender como esse sujeito experiencia a vida sem compreender o seu luto.

Compreendemos como significativo discorrer sobre essa temática, visto que “[...] na sociedade moderna as pessoas cegas são evitadas, ignoradas ou superprotegidas (BARCZINSKI, 2001, p. 3)”. Após a perda da visão, ficam enlutadas e diante disso, passam por uma profunda reorganização psicológica e isso “[...] requer um amparo urgente para que eles possam lidar com esta perda que influi em todos os aspectos de suas vidas (BARCZINSKI, 2001, p. 2)”. Deste modo, o luto é um forte interveniente no processo de inclusão da pessoa com deficiência na sociedade, pelo fato de ele ser muito pouco discutido e que compreendê-lo é fundamental para quem deseja incluir. Logo, utilizamo-nos da pesquisa narrativa devido ao fato desta ser “o caminho para se entender a experiência. Desta forma, ao buscar entender a experiência dos sujeitos, por meio da narrativa, resgata-se a sua subjetividade, focando as singularidade e particularidades dos sujeitos em face aos processos educacionais” (OLIVEIRA, 2017, p. 12150).

Dessa forma, ao discorrer sobre o luto, estamos ponderando sobre o estado em que fica alguém, após tomar consciência de uma perda. Logo, procuramos compreender a experiência desse sujeito. O que nos interessou foram os seus sentimentos, sua história, sua vivência com a perda. Enfim, as condições em que se encontrou a partir da perda, pois acreditamos que “[...] as histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 27).

AS NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS DE ALUNOS CEGOS

Mesmo não sendo foco principal dessa pesquisa, faz-se necessário discutir as necessidades da pessoa cega, principalmente no que diz respeito ao âmbito da educação. De acordo com as

orientações do Ministério da Educação e Cultura (MEC), presentes no fascículo referente ao ensino de alunos cegos e com baixa visão, da coleção “Saberes e Práticas da Inclusão” (BRASIL 2006), a inclusão escolar dessas pessoas exige que os professores conheçam: as características das patologias que os alunos possuem; como se dá seu aprendizado; quais materiais e recursos são necessários para promover seu desenvolvimento, conseqüentemente, quais procedimentos pedagógicos favorecem sua aprendizagem.

O MEC reitera, por meio dessas orientações, que a educação do aluno cego exige adaptações e que as instituições escolares, juntamente com seus formadores, precisam compreender e atender as especificidades de cada aluno, pois mesmo dois alunos com a mesma deficiência e laudos semelhantes, podem apresentar necessidades específicas e carecer de adaptações diferentes.

Sobre a atuação do professor, o texto dessa obra, afirma que as atitudes desses devem ser positivas, visto que sua crença no aluno e concepção em relação à deficiência irá fazer toda a diferença no processo de ensino e aprendizagem desse aluno.

De acordo com Mendes e Monteiro (2016, p. 22),

Compreender os sentimentos vividos por cegos com cegueira adquirida poderá ajudar o professor a atender às peculiaridades educacionais deste grupo de alunos, garantindo o acesso aos recursos necessários para seu pleno desenvolvimento, e auxiliar na construção de políticas públicas no que se refere à produção de livros e materiais em braile.

Como já dissemos anteriormente, não podemos colocar a perda da visão na mesma ordem de outras perdas como da audição e de membros como braços ou pernas. A desorientação trazida pela falta da visão é muito maior do que na falta da audição e inexistente, talvez, na falta de algum membro como braços e pernas, afinal, vivemos em nossa sociedade “no mundo do ver, onde tudo está posto para ser visto” (SILVA, 2002, p. 12).

Assim, é preciso refletir acerca “da educação de pessoas com cegueira adquirida, pois a dor da perda e a aceitação podem representar um processo longo, que pode interferir na aprendizagem” (MENDES; MONTEIRO, 2016, p. 22).

Apesar de tratarmos sobre as necessidades educacionais especiais de alunos cegos, nossa preocupação neste texto é discutir sua inclusão indo além do que se destina a eles, a sua educação ou o melhor modelo para incluí-los. Pretendemos olhar para esses sujeitos e suas vivências com a cegueira, com foco na qualidade de vida deles, pois

Não há ainda, muitos trabalhos realizados com indivíduos cegos. As maiorias dos trabalhos tratam da educação especial voltada para os cegos; falam sobre inclusão social, sobre a formação de professores e não se detêm nos indivíduos cegos e nas suas sensações, sensibilidades, subjetividades (RODRIGUES; ARAUJO, 2016, p. 1).

Assim, justificamos porque uma discussão tão curta sobre suas necessidades educacionais. Estamos defendendo o conhecimento sobre a cegueira, pois o que é dito e transmitido sobre o cego e as relações que desenvolvemos com eles, revela um tipo de percepção da cegueira, que consideramos fora da realidade, e assim muito precária, por isso, aqui, nos interessou tanto a temática do luto.

INCLUSÃO E AUTOEXCLUSÃO

Consideramos a compreensão do luto da pessoa com deficiência, como importante no processo de inclusão, visto que é muito comum que a pessoa enlutada prefira ficar reclusa da convivência com outros e desse modo evita as interações produzindo uma autoexclusão.

Definimos como autoexclusão, o processo de afastamento das instâncias sociais da vida social, ou seja, a atitude das pessoas de se afastarem ou deixarem, de se incluir em um grupo, por achar, que as suas características não são compatíveis com as dos elementos desse grupo (DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2018).

Nesse sentido, a inclusão desse sujeito se torna muito mais difícil, visto que ele mesmo não a deseja, ou não se considera em condições de se incluir ou aceitar as propostas de inclusão que lhe são apresentadas.

O sujeito, antes reconhecido como normal, depois de ser acometido por uma deficiência, em geral, deixa de acreditar que aquele lugar, outrora conquistado, ainda é seu. Muitas vezes, não encontra mais, nos espaços e sociedade em que participa a acessibilidade, antes usufruída e prefere, mesmo que temporariamente, ficar recluso. Aquilo que lhe era comum e natural, agora lhe é difícil ou impossível. A realidade agora parece difícil e o fim de tudo parece estar logo à frente.

Para Barczinski (2001, p. 5),

Outras perdas somam-se à perda da visão:

- a) perda da integridade física (o indivíduo sente-se mutilado, está diferente do que era anteriormente e diferente dos que o cercam);
- b) perda dos sentidos remanescentes (há uma desorientação inicial, causando diminuição do tato, olfato, memória, capacidade motora etc.);
- c) perda do contato real com o meio ambiente (como se morresse para o mundo das coisas, perdendo assim um importante vínculo com a realidade);
- d) perda do “campo visual” (olha para algo que não se encontra mais ali – silêncio visual);
- e) perda das habilidades básicas (capacidade de andar; estando só é observado, e estando com outras pessoas sente-se isolado);
- f) perda das técnicas da vida diária (passa por repetidos fracassos nessas atividades que nunca o deixam esquecer que está cego. Ex: comer, beber, funções intestinais, conservar-se limpo e arrumado, despir-se à noite e vestir-se pela manhã, barbear-se, maquiarse, higiene pessoal, distinguir a pasta de dente do creme de barbear, controlar as contas, contar dinheiro, localizar objetos que derrubava, comer em restaurante etc.). Tais perdas obrigam o deficiente visual a depender, em maior grau, das outras pessoas, restringindo severamente sua autonomia;
- g) perda da facilidade de comunicação escrita (livros, jornais, fotografias, não pode ler a própria correspondência, perdendo a reserva pessoal, e impossibilitado também de assinar o próprio nome);
- h) perda da facilidade da comunicação corporal (postura, gestos, mímica e expressões faciais, não pode ver as reações da pessoa com quem fala);
- i) perda da visão dos rostos familiares, artes etc.;
- j) restrições em sua recreação (que poderia ajudá-lo na superação da crise);
- k) perda da obscuridade (não passa mais despercebido na sua rua, por isso muitas vezes rejeita a bengala e qualquer objeto que possa identificá-lo como cego) e outros.

Como se pode perceber, estamos discutindo a perda da visão de um sujeito, no entanto, como apontado por Barczinski (2001), dela recorre muitas outras perdas. Portanto, defendemos que compreender essas perdas, bem como saber como se sente o enlutado e ajudá-lo no processo de superação do luto pode auxiliar no processo de sua inclusão social e conseqüentemente escolar. Deste modo, a partir daqui apresentamos parte da narrativa² do sujeito pesquisado, que nos apresenta como foi, um pouco, de sua vivência com o luto.

A EXPERIÊNCIA DO LUTO

Não sei se meu luto já acabou. Talvez, em relação a minha deficiência adquirida no decorrer da adolescência ele tenha amenizado. Passado, não! Até porque, às vezes, sinto falta de ver, enxergar, ter acesso as coisas. Isso dificulta minha vida. Gostaria de ler um livro impresso,

² Optamos por colocar nossos diálogos com os autores, apenas após a narrativa do sujeito, para que em nenhum momento nossa ideia a atravesse. Elegemos esse modelo inspiradas na obra de Ecléa Bosi intitulada Memória e Sociedade: lembranças de velhos. Colocamos também em negrito para melhor visualização da narrativa.

que não está digitalizado, ir a lugares sozinho, sem correr riscos, navegar pela rede mundial de computadores, sem auxílio de ninguém e principalmente ler meus e-mails. É muito ruim ter suas correspondências lidas por outros e seus contatos ficarem expostos.

Quando perdi a visão do último olho, tentei me refazer do trauma sofrido aos 17 anos. Me calei por três anos, me escondi, tinha medo de tudo. Só voltei a trabalhar, estudar e ir à escola XX anos depois. Quando retomei a vida, percebi que ela estava passando e eu estava parado no tempo.

Quando voltei a estudar, aprendi ler Braille. Retomei os estudos a partir da 5ª série do ensino fundamental, decidi ser professor ainda na 7ª série, lendo um livro do Autor cearense José de Alencar, Iracema: a virgem dos lábios de mel. Iracema, minha mãe, mulher educada, não sabia assinar o nome, porém respeitava todos.

Às vezes, eu tinha medo, vergonha, receio do preconceito, da discriminação, dos estigmas que a sociedade coloca nas pessoas diferentes. Sentia que era visto como um estranho pelos que erroneamente chamamos de normal.

Eu me sentia mutilado, sem saber o que fazer e para onde ir. Aquele mundo que antes eu via desapareceu de repente. Tenho que andar devagar e nunca mais pude correr. Correr das coisas ou para elas, para os braços de alguém, por exemplo.

Foi muito ruim perder a visão dos rostos de meus familiares e amigos e de nunca mais poder rever as fotografias de muitos momentos e pessoas especiais. A visão dos rostos dos familiares e amigos devagar a gente vai entendendo que é possível reconhecer suas vozes e essa perda ameniza.

Foi muito difícil conviver com o dia a dia, de repente as coisas mais simples, como comer, beber e barbear ficaram tão difíceis. Fiquei dependente das pessoas das coisas mais simples como encontrar objetos, reconhecer uma nota de dinheiro e pagar uma conta.

Após alguns anos recolhido em casa, passei a frequentar a igreja. Fui convidado por um grupo de jovens da comunidade católica do bairro onde morava. Fui levado por eles a frequentar o grupo aos domingos. Passei a ir à missa, virei coordenador da comunidade católica, presidi o grupo de jovens da comunidade, fui coordenador da pastoral de jovens da paróquia, a qual minha comunidade era vinculada.

Apesar da participação na igreja eu quase não conversava com ninguém sobre meus sentimentos, pois sentia que as pessoas nem sempre estavam dispostas a ouvir sobre meus sentimentos, dores, temores, perdas e sofrimento. As poucas conversas eram com alguns amigos e amigas do grupo de jovens e com minhas irmãs. Com meus pais jamais conversei, embora eles me apoiassem, certamente não daria espaço para me ouvir, até porque, eram muito simples, não tinham formação, grau de instrução nenhuma. Enfim, não sabia como me orientar. Às vezes penso que eles também estavam muito tristes e vivendo um pouco do que eu vivia. Conversávamos sobre poucas coisas, pois como já afirmei, minhas relações de amizade eram com poucas pessoas, mantinha poucos laços, não tinha muitos amigos, era muito isolado. Eu sentia raiva, medo, vergonha, tristeza. Às vezes caía até em desespero, porém acreditava que tudo isso um dia iria mudar, que iria ter um fim.

Meus familiares, me apoiavam pouco, afinal, eles não sabiam o que fazer e mais do que eu, não tinham a mínima ideia do que significava ser deficiente. Todos eles sentiam muita pena de mim. Meus familiares não acreditavam que eu podia estudar, de me formar, ser um profissional da educação, ser um professor universitário, escrever e publicar meus livros, bem como participar de muitas coisas que participo hoje.

Até hoje não posso afirmar que esses sentimentos desapareceram. Que desapareceram totalmente. Penso que eles ainda estão presentes em minha vida, compõem meu cotidiano,

minha rotina, até porque, hoje, moro sozinho, sou separado, mantenho certa descrição dessa situação, afinal, falar a quem?

Mesmo hoje, as vezes não tenho ninguém para conversar, dialogar, compartilhar minhas angústias, sofrimentos, medo, temor, isolamento. Isolamento que ainda temo, mesmo depois de tantos anos. Já se passaram trinta e cinco anos convivendo com a deficiência visual, quatro anos vivendo sozinho, separado da minha família, e, ainda penso que as teorias dos psicólogos em relação a mim, não se aplicou, pois ainda não dou conta de afirmar com segurança que não me sinto enlutado.

RESULTADOS

Reafirmando as teorias que dizem que o luto não tem tempo determinado para terminar, o sujeito de nossa pesquisa revela ter vivido enlutado e afastado do convívio em sociedade por muitos anos e, mesmo depois de tanto tempo, ainda, por vezes, sente que ele não terminou.

Se sentindo sem condições de participar da vida em sociedade e seguir de onde parou, nesses anos recluso, mal saía de seu quarto, ficou afastado da escola, sem estudar e sem lazer algum.

Como vemos, a exclusão escolar ocorre também por conta do luto. Para a pessoa com deficiência a exclusão está lá fora, na sociedade. Os estigmas e os preconceitos serão colocados principalmente lá, por isso é tão difícil enfrentá-la.

De acordo com Amaral (2005, p. 238), “[...] algumas consequências drásticas advêm quando o estigma está presente: há a desumanização/coisificação daquele que o recebe e há a potencialização daquele que o impinge. Ao primeiro, cabe o lugar da falta, da falha e do erro; ao segundo, o da completude e do acerto”.

Nosso sujeito de pesquisa, ficou durante anos, quase que só em seu quarto, fugindo até das visitas que chegavam em sua casa, porque sentia medo, dos olhares preconceituosos, das perguntas que podiam te fazer, dos estigmas que poderiam te colocar. Ele relata que *sentia que era visto como um estranho pelos que erroneamente chamamos de normal*.

Romper com esse medo pode demorar anos. Esse tempo é utilizado pelo enlutado para se dar conta do ocorrido, se fazer todas as perguntas e só depois tentar romper com todos os sentimentos. Parece ser, depois disso, que outros sentimentos surgem, como o desejo de se superar, apesar da perda ocorrida, de mostrar que ainda é capaz de muitas coisas e vencer o trauma.

Exatamente, como apontado por Barczinski (2001), nosso sujeito de pesquisa relatou sentir a perda da integridade e ter experimentado uma certa desorientação, quando disse que *sentia mutilado, sem saber o que fazer e para onde ir. Sentiu também a perda das habilidades básicas: Tenho que andar devagar e nunca mais pude correr. Correr das coisas ou para elas...*

Tudo lhe foi duramente sentido e, aos poucos, superado: *Foi muito difícil conviver com o dia a dia. De repente as coisas mais simples, como comer, beber e barbear ficaram tão difíceis. Até que criei estratégias para realizar algumas dessas atividades, tais como contar os degraus de escadas, marcar o início e fim do caminho da gilete de barbear percorrer o meu rosto.*

A perda da autonomia, também foi vivenciada e reclamada por nosso sujeito em sua narrativa, quando diz: *Gostaria de ler um livro impresso, que não está digitalizado, ir a lugares sozinho, sem correr riscos, navegar pela rede mundial de computadores, sem auxílio de ninguém e principalmente ler meus e-mails. É muito ruim ter suas correspondências lidas por outros e seus contatos ficarem expostos.*

Dentre tantas perdas, ele denuncia também a perda da visão dos rostos familiares, colocando em sua narrativa uma frase capaz de fazer o leitor sentir a dor do narrador: *Foi muito ruim perder a visão dos rostos de meus familiares e amigos e de nunca mais poder rever as fotografias de muitos momentos e pessoas especiais.*

A narrativa de nosso sujeito de pesquisa, revela o quanto a falta de conhecimento do outro sobre a cegueira, pode colocá-los em isolamento e resultar em preconceitos. Quando este diz: *Meus familiares, me apoiavam pouco, afinal, eles não sabiam o que fazer e mais do que eu, não tinham a mínima ideia do que significava ser deficiente*, ele revela que faltava para seus familiares conhecimentos, que resultou em falta de apoio.

Essa falta de conhecimento e de apoio deu origem a outros sentimentos, que tanto prejudicam o processo de desenvolvimento social das pessoas, como o medo e a vergonha. Assim, quando este diz: *Às vezes, eu tinha medo, vergonha, receio do preconceito, da discriminação, dos estigmas que a sociedade coloca nas pessoas diferentes. Sentia que era visto como um estranho*, ele revela não só, os seus sentimentos, mas o desconhecimento das pessoas em relação a cegueira, pois o estranhamento é, em geral, fruto deste.

Em estudo de Franco e Denari (2011, s/p) à respeito da sociedade e a cegueira, confirmamos que a situação das pessoas com deficiência, em geral, é semelhante e que a discriminação possui a mesma origem:

As pessoas pesquisadas demonstraram, de forma geral, uma insatisfação no que tange à sua relação com a sociedade, em virtude da forma pela qual são tratadas e pela pouca informação que as pessoas videntes têm sobre a cegueira. Para os entrevistados, a falta de informação é a principal responsável pela discriminação que sofrem, pois, na maioria das vezes, as pessoas videntes não têm conhecimentos sobre a cegueira.

Sensíveis a essas narrativas, apoiamo-nos em Amaral (1995, p. 112), para afirmar que, “[...] a deficiência jamais passa em brancas nuvens, muito pelo contrário: ameaça, desorganiza, mobiliza”. Portanto, aquele que deseja atuar na inclusão dos sujeitos com deficiência, precisa ser capaz de diagnosticar, se este ainda se encontra enlutado, e estar atento às inúmeras perdas que a deficiência impõe, como as apontadas pelo nosso sujeito de pesquisa, como a perda da integridade física; dos sentidos remanescentes; do contato real com o meio ambiente; das habilidades básicas, como correr; das técnicas de vida diária; da facilidade de comunicação escrita; da privacidade, bem como conhecer os sentimentos, que tudo isso traz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi discutido, reafirmamos o que dissemos no início deste texto, que o luto é um forte interveniente no processo de inclusão da pessoa com deficiência na sociedade, pelo fato de limitar as interações do cego com o meio ambiente, por trazer limitações que exigirão promoção de acessibilidade arquitetônica e também atitudinal.

A acessibilidade, oriunda das atitudes dispensadas às pessoas cegas, fica comprometida, quando a sociedade apresenta forte desconhecimento da deficiência e desconsidera os cegos, em suas necessidades e potencialidades. Esses, diante da perda da visão e enlutados, têm mais dificuldade de vencer o turbilhão de sentimentos que surge após essa perda, dessa forma, a sociedade não colabora para a vivência e superação deste luto.

A escola sendo parte dessa sociedade também possui as mesmas características. Sem o conhecimento das especificidades desse grupo, limitada na educação dos considerados

diferentes e reclamante das condições de apoio, ela não se adianta no conhecimento da pessoa cega e assim, como os profissionais de outras áreas apresenta muitas falhas no acolhimento e educação desta.

Cabe também à educação assegurar o empoderamento das pessoas com deficiência para que essas possam lutar por: acessibilidade, oportunidades de lazer, cultura, trabalho, educação, saúde; acesso a tecnologias assistivas, dentre outros.

Consideramos assim, que a readaptação da pessoa, cuja cegueira foi adquirida na idade adulta, não é tarefa fácil, visto que ninguém espera perder a visão, de que não é fácil viver sem ela e que isso exige a reconstrução do mundo que se tinha.

Assim, tanto conhecer os aspectos da cegueira, como o luto vivido pelas pessoas com deficiência, é uma tarefa necessária para todos aqueles que desejam incluir. Portanto, esse é um conteúdo que deve, inclusive, ser incluído na formação de muitos profissionais, entre eles, os educadores.

Nesse sentido, reiteramos que a inclusão passa pela consideração do luto, exige intervenção pedagógica e as chances para seu alcance passa pela reflexão sobre as práticas pedagógicas, a valorização da diversidade, a igualdade de oportunidades, a interação e as relações sociais.

Agradecimentos: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPES.

REFERÊNCIAS

AMARAL, L. A. **Conhecendo a deficiência:** em companhia de Hércules. São Paulo: Robe Editorial, 1995.

BARCZINSKI, M. C de C. Reações Psicológicas à perda da Visão. **Revista do Instituto Benjamin Constant**, IBC, Rio de Janeiro, n. 18, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Especial.** Saberes e práticas da inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos cegos e de alunos com baixa visão. Brasília: MEC, 2006

BRETON, H. Investigação narrativa: entre detalhes e duração. **REPI – Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, Boa Vista, v. 1, n. 1 (especial), p. 12-22, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.18227/2675-3294repi.v1i1.6255>

CLANDININ, D. J; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa:** experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015.

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Porto Editora, 2018.

FRANCO, J. R; DENARI F. E. A sociedade e a cegueira: discriminação e exclusão. **Revista Benjamin Constant**, v. 48, n. 9, 2011.

MELO, A. R de P. P. **Processo de Luto:** o inevitável percurso face a inevitabilidade da morte, 2004. Disponível em: <http://www.integra.pt/textos/luto.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2019.

MENDES, F. A. G; MONTEIRO, M. I. B Implicações da Perda da Visão para o Processo de Ensino da Leitura e Escrita Braille. **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, v. 3, n. 1, p. 14-23, jan./jun., 2016. DOI: <https://doi.org/10.36311/2358-8845.2016.v3n1.03.p14>

RODRIGUES, J. Z; ARAUJO, R. A de. Entre a cegueira e a visão: percepções e maquinações. **Reunião Científica Regional da ANPED – 24 a 27 de julho.** UFPR – Curitiba/Paraná, 2016.

OLIVEIRA, L. D. G de. C. **Pesquisa Narrativa e Educação:** algumas considerações. ANAIS XIII EDUCERE, 2017.

RAMOS, V. A. B. **O processo de luto. Psicologia.** O Portal dos Psicólogos, 2016. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf>. Acesso em: 25 de maio de 2019.

RODRIGUES, D. (Org.) **Inclusão e Educação: doze olhares sobre a Educação Inclusiva.** S. Paulo. Summus Editorial, 2006.

RODRIGUES, D. Educação Inclusiva: as boas e as más notícias: RODRIGUES, David (Org.) **Perspectivas sobre a Inclusão: da Educação à Sociedade.** Porto Editora: Porto, 2003.

SILVA, M. I. C da. **Ensaio sobre a cegueira: um olhar que transcende o olho.** Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

SOBRE O AUTOR

Leonor Paniago Rocha: Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Professora da Universidade Federal de Goiás – (UFG), campus Jataí – Goiás - Brasil. Unidade Acadêmica Especial de Educação – Curso de Pedagogia. leonorpaniago.ufg@hotmail.com

Marlene Barbosa de Freitas Reis: Doutorado em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora no Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás - PPG-IELT/UEG, Campus Anápolis, Anápolis – Goiás – Brasil. marlenebfreis@hotmail.com

COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO

ROCHA, Leonor Paniago; REIS, Marlene Barbosa de Freitas. O luto como interveniente no processo de inclusão de uma pessoa cega. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, Boa Vista, v. 1, p. 183-193, 2020. E-ISSN: 2675-3294.

Submetido em: 18/06/2020

(01) Revisões requeridas em: 24/07/2020

(02) Revisões requeridas em: 01/09/2020

Aprovado em: 05/11/2020